

Orçamento de Estado combinado entre compadres

Enviado por Carlos Santomor
24-Jan-2010
Actualizado em 07-Feb-2010

Os orçamentos de estado, não sendo matéria do nosso domínio, são instrumentos importantíssimos para o próximo futuro de um país, no entanto pela experiência que temos desde há décadas, esse documento anual, só tem servido para aliviar alguns poucos, porque os outros, que somos todos nós, acabamos por ser o principal alvo da factura final, sem sequer sermos tidos ou achados, no deve e haver das contas dos senhores do poder.

Por isso e à semelhança do que se tem verificado nos últimos anos, somos mais uma vez confrontados com a falta de soluções inovadores e credíveis por parte de um PS panfletista, obrigado por isso, a negociar com aquele que diz (diz), ser o seu maior adversário político, o que nos vai custar os olhos da cara a todos nós.

Esta panaceia intitulada de "negociação" que tem estado a decorrer, primeiro com o CDS e agora com o PSD, não passa de um simulacro de estratégias de uma qualquer partida de cartas entre compadres, que na rua se batem à estalada, para entre paredes, trocam beijos e juras de amor.

Assistimos a jogos de fachada, com a encenação de reuniões muito cansativas e trabalhosas, numa tentativa de desviar as atenções dos acordos previamente combinados entre líderes, tentando fazer passar agora a ideia de que a coisa está a ser discutida taco a taco, em encontros com muita comunicação social à porta, para que o Zé saiba, que se estão a esforçar, sem no entanto, explicarem exactamente para quê!

Mas sabemos... claro que sabemos, os senhores do dinheiro ficam com mais um ano de bom respiro, para continuarem a timonar a seu belo prazer, as vidas daqueles que tem explorado desde sempre, o PS de José Sócrates, continua a debitar discursos de prometas incosequentes, a destruição do emprego em portugal agudizará num crescendo abissal, o número de pobres vai atingir níveis assustadores, de tal forma que as medidas pontuais deste governo no ataque à crise, serão automaticamente trituradas, pela avalanche do desespero, com conseqüências imprevisíveis.

Dentro de um ano repete-se tudo de novo, mas com menos recursos, mais desmotivados, com intermináveis filas no desemprego e os senhores da pasta, os amigos do nosso primeiro ministro, felizes e contentes, porque voltaram a ter mais um ano com enormes mais valias bolsistas sem terem pago um tostão de imposto, com os elevadíssimos salários e prémios milionários que auferiram como gestores e patrões,

com a renovação das frotas automóveis, melhores vidas em paraísos fiscais e com os benefícios de marajá.

Entretanto nós por cá, o Zé Pequeno, assistiremos a novas promessas, falsos ataques políticos, discursos e discursetas, acordos e desacordos, actos de desespero, problemas sociais, pobres cada vez mais pobres, ricos ainda mais ricos, políticos incompetentes, crescimento do défice, um maior desalento e muito, mas muito mais desespero.

É esta a sina de um povo, que voltou a deixar-se enganar por cantigas inconsequentes e que à semelhança daqueles que trocam as consequências pelo prazer de um pingó, também aqui e mais uma vez, Portugal permutou quatro anos de sofrimento, por 20 dias de encantamento.

Carlos Santomor